

Colóquio internacional / Colloque international
Mulher(es) e poder(es) / Femme(s) et pouvoir(s)

Université de Genève

Data: 10 e 11 de setembro de 2020

Organização:

CEL - Centre d'Études Lusophones de l'Université de Genève e

CHAM - Centro de Humanidades / NOVA FCSH-UAc

Organizadoras: Nazaré Torrão (CEL), Ana Maria Martinho (CHAM)

Este Colóquio decorrerá online e oportunamente serão divulgados os detalhes de acesso e participação

Passámos de uma realidade que silenciava completamente o papel central das mulheres na sociedade e na cultura para a criação de um campo de conhecimento que se ocupa desta discussão e, num âmbito mais vasto e complementar, de questões de género. Ao longo desse caminho discutiu-se a existência de uma história das mulheres e sua relação com a realidade cultural e política dos sujeitos e vozes marginais e das minorias. Esta é, todavia, uma “margem” muito numerosa: cerca de metade da população mundial. Desde os anos de 1970 as pesquisas sobre o tema trouxeram-no de forma sistemática para a vida académica, ainda que num quadro de frequente resistência à sua institucionalização. Esta situação apresentou-se, e apresenta-se, em três vertentes: fazer aceitar as mulheres como sujeitos activos da história, como tema central de pesquisa e como investigadoras¹. Consequência do apagamento de que foram vítimas durante muito tempo pouco se soube do seu papel na história e, fruto da discriminação que sofreram e sofrem em muitas sociedades, a sua condição social sempre foi marcada pela desigualdade. O acesso ao poder político, económico e religioso foi-lhes vedado de forma generalizada e, quando exercido, não teve o devido reconhecimento formal. O tema continua a ser de actualidade, pois tanto na política como na economia, na magistratura ou na religião, as mulheres continuam a ter presença minoritária em tomadas de decisão e na intervenção política direta. Em todos os países, mesmo nos mais progressistas, a legislação sobre a igualdade de género é frequentemente omissa ou de escassa definição. Continuam actuais as palavras de Simone de Beauvoir: « La femme se détermine et se différencie par rapport à l'homme et non celui-ci par rapport à elle; elle est l'inessentiel en face de l'essentiel. Il est le sujet, il est l'Absolu : elle est l'Autre. »

A situação social da mulher melhorou ao longo dos séculos XX e XXI, no entanto a conquista de condições salariais iguais não está fechada. Com efeito, continua a haver uma média salarial inferior para as mulheres com uma diferença de ganhos importante, tanto no setor privado como no público. Assim, o acesso das mulheres ao poder deve ser visto como um imperativo e como um processo em aberto em múltiplas frentes.

¹ THÉBAUD, Françoise, (2007) *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. ENS Éditions.

A que nos referimos quando falamos de poder? A presença da mulher na sociedade e a influência que nela exerce revestem diversas formas de ação e presença: a reivindicação do espaço público², a expressão literária e artística, o poder de influência para lá da relação convencional com a família e a casa.

A questão do poder é, pois, ambígua. Para se ter poder, tem que se poder imaginar tê-lo, como diz Virgílio “Eles podem porque pensam que podem” e à mulher essa possibilidade esteve-lhe vedada durante muito tempo. Que ficou dessa negação ancestral do poder feminino? Soube adaptar-se e escolher outros caminhos, espinhosos, para o exercer? O poder exercido no feminino tem a mesma natureza que o poder exercido pelos homens? As mulheres desejam o poder? Para quê? Muitos estudos sobre o tema revelam que a maioria das mulheres tem uma imagem negativa do poder, associando-o a solidão e a intrigas pouco dignificantes³. Por outro lado, a mulher com poder ou desejo de poder é frequentemente mal vista pela sociedade⁴, contrariamente ao homem, e sofre a pressão de se justificar pela posição que ocupa. A sua vida privada é dissecada, a sua aparência é sobrevalorizada em relação às suas ações e as suas motivações não são vistas como nobres nem legítimas a não ser que se norteiem pelo sacrifício pela comunidade ou pela família.

Apesar de tudo, a história vem registando inúmeras mulheres que, aproveitando circunstâncias diversas e por força de vontade própria, conseguiram contrariar o destino e assumir diferentes dimensões do poder.

Neste colóquio internacional pretendemos tratar numa perspetiva transdisciplinar a questão da(s) mulher(es) e do(s) poder(es), ao longo da história e no presente, nos países de língua portuguesa.

Eixos a abordar:

A mulher face ao poder (de estado, religioso, económico)

Mulheres de poder

Escrita de mulheres e contestação

Arte, artistas e subversão

Empoderamento feminino e luta social de classes

Vida privada e vida pública – (in)visibilidades

O poder de influência

Línguas do colóquio: português, francês

2 dias de trabalho

Duração das comunicações: 20 minutos, seguidas de 10 minutos de discussão

² A esse respeito veja-se a obra de Mary Beard, *Les femmes et le pouvoir. Un manifeste*, Paris: Perrin, 2018 (traduzido do inglês, *Women & Power. A manifesto*, 2017).

³ Viviane de Beaufort, « Femmes et pouvoir : le grand tabou », https://www.huffingtonpost.fr/viviane-de-beaufort/femmes-pouvoir-grand-tabou_b_3946724.html, consultada a 22.07.2019.

⁴ THÉBAUT, Françoise, (2007) *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. ENS Éditions, p. 37.

Comissão científica:

João Paulo Costa (CHAM, FCSH NOVA)

Ana Maria Martinho (CHAM, FCSH NOVA)

Nazaré Torrão (CEL – Centre d'Études Lusophones e Unité de Portugais, Université de Genève)

Alexander Keese (Département d'Histoire Générale, Université de Genève)

Isabel Araújo Branco (CHAM, FCSH NOVA)

Maria Dávila (CHAM, FCSH NOVA)

Colloque International

Femme(s) et Pouvoir(s)

Université de Genève

Date : 10 et 11 Septembre 2020

Organisation conjointe :

CEL - Centre d'Études Lusophones de l'Université de Genève et

CHAM - Centro de Humanidades / NOVA FCSH-UAc

Organisation: Nazaré Torrão, Ana Maria Martinho

Ce Colloque sera transmit en ligne. Les informations d'accès seront bientôt disponibles

Nous sommes passés d'une histoire qui passait sous silence le rôle des femmes pour réussir à établir une branche de l'histoire qui s'en occupe, et, actuellement, dans un registre plus ample, de l'histoire de genre. Sur ce chemin s'est posé la question sur l'existence d'une histoire des femmes et, dans un second temps, celle-ci a été intégrée dans l'histoire des marginalités et des minorités : des pauvres et dominés, des colonisés, des noirs, des homosexuels... Pourtant il s'agit d'une marge très nombreuse : la moitié de la population mondiale ! Depuis les années 1970 les recherches sur le thème l'ont incorporé dans la vie académique, quoiqu'en luttant contre les résistances que la conquête d'une place égale pour les femmes a toujours causées et cause encore. La lutte a eu trois vecteurs : faire accepter les femmes comme actrices de l'histoire, comme thème de recherche et comme chercheuses⁵.

Une conséquence de l'effacement dont les femmes ont été victimes pendant très longtemps a été le peu que l'on sait sur leur rôle dans l'histoire. Une deuxième conséquence est que, fruit de la discrimination qu'elles ont souffert et qui continuent d'endurer dans beaucoup de sociétés dans le monde, leur condition sociale a toujours été pire que celle de l'homme, n'ayant souvent même pas eu le pouvoir de décision sur leurs vies, étant soumises aux pères, maris, et frères. Dès lors, le pouvoir politique, économique et religieux leur a été défendu presque toujours et un peu partout et quand il a été exercé il n'a pas obtenu la même reconnaissance institutionnelle que celui des hommes. Ce thème n'a rien perdu d'actualité, car soit en politique, soit dans la magistrature, soit dans les postes à responsabilité de l'économie ou dans la religion, les femmes continuent d'être minoritaires, dans tous les pays (ou simplement exclues), même dans les pays les plus progressistes dans leur législation sur

⁵ THÉBAUD, Françoise, (2007) *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. ENS Éditions.

l'égalité des genres. L'affirmation de Simone de Beauvoir sur le fait que la femme est vue comme l'autre de l'homme continue d'être actuelle : « La femme se détermine et différencie par rapport à l'homme et non celui-ci par rapport à elle ; elle est l'inessentiel en face de l'essentiel, il est l'Absolu : elle est l'Autre. »

La situation sociale de la femme s'est beaucoup améliorée le long du XXe siècle, cependant la lutte sociale des femmes continue, car elles n'ont pas encore obtenu la plus emblématique et simple des revendications « À travail égal salaire égal ! ». En effet, si nous pouvons justifier le salaire plus élevé des hommes par le nombre supérieur d'hommes avec des qualifications supérieures et, par conséquent, avec des postes de cadres, il continue d'avoir une moyenne salariale des femmes inférieure, avec une partie de la différence qui ne peut pas être expliquée par ce décalage des positions et des habilitations, tant dans le secteur public que dans le privé. L'accès des femmes au(x) pouvoir(s) est ainsi devenu, au moins en apparence, un objectif social à atteindre, symbole de changement progressiste et espoir d'un changement plus grand dans le sens de l'égalité.

Cependant à quoi faisons-nous référence quand nous parlons de pouvoir ? Nous avons déjà mentionné le pouvoir politique, économique, religieux, mais, quoiqu'importants, ceux-ci n'en épuisent pas la notion. La présence de la femme dans la société et l'influence qu'elle y exerce revêtent d'autres formes : s'exprimer publiquement⁶, l'expression littéraire et artistique, le pouvoir d'influence dans de domaines très différents et surtout dans celui auquel le pouvoir féminin est fréquemment associé le long de l'histoire et dans la majorité des cultures : la famille et la maison.

La question du pouvoir est donc ambiguë. Pour en avoir, il faut pouvoir s'imaginer qu'on l'a, comme dit Virgile « Ils peuvent, parce qu'ils pensent qu'ils peuvent » et cette pensée a été interdite à la femme pendant très longtemps. Qu'en est-il resté de ce déni ancestral du pouvoir au féminin ? Est-ce que la femme a su choisir des chemins détournés pour l'exercer ? Le pouvoir au féminin est de même nature que celui exercé par les hommes ? Le pouvoir est-il désiré par les femmes ? Pour quoi faire ? De nombreuses études de sociologie sur le thème révèlent que la majorité des femmes a une image négative du pouvoir, l'associant à la solitude et à des intrigues indignes⁷. D'un autre côté, la femme avec pouvoir ou désir de pouvoir est fréquemment perçue par la société de manière négative, contrairement à l'homme, et ayant besoin de justifier la position qu'elle occupe⁸. Sa vie privée est disséquée, son apparence est survalorisée par rapport à ses actions et ses motivations ne sont pas considérées nobles ou légitimes à moins d'être orientées par le sacrifice envers la famille ou la société.

Malgré tout, l'histoire registre plusieurs femmes qui, profitant de circonstances diverses et avec leur force de volonté, ont réussi à contrarier ce destin et à atteindre le pouvoir politique, économique ou autre.

Avec ce colloque international nous souhaitons traiter dans une perspective transdisciplinaire la question de la femme/des femmes et du pouvoir/des pouvoirs, dans l'histoire du temps passé et présent, dans les pays de langue officielle portugaise.

⁶ À ce propos l'œuvre de Mary Beard, *Les femmes et le pouvoir. Un manifeste*. Paris : Perrin, 2018 (traduite de l'anglais *Women & Power. A manifesto*, 2017) est très intéressante.

⁷ Viviane de Beaufort, « Femmes et pouvoir : le grand tabou », https://www.huffingtonpost.fr/viviane-de-beaufort/femmes-pouvoir-grand-tabou_b_3946724.html, consulté le 22.07.2019.

⁸ THÉBAUD, Françoise, (2007) *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. ENS Éditions, p. 37.

Axes de travail :

La femme face au pouvoir (d'état, religieux, économique, masculin)

Femmes de pouvoir

L'écriture (de femme) comme contestation du pouvoir

L'art (réalisée par des femmes) et le pouvoir

Empowerment féminin et la lutte sociale de classes

Vie privée et vie publique – le pouvoir caché

Le pouvoir d'influence

Langues du colloque : portugais et français

Durée : deux journées

Date : 10 et 11 Septembre 2020

Communications : 20 minutes et 10 minutes de discussion

Comité scientifique

João Paulo Costa (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Ana Maria Martinho (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Nazaré Torrão (CEL – Centre d'Études Lusophones et Unité de portugais – Université de Genève)

Alexander Keese (Département d'Histoire générale- Université de Genève)

Isabel Araújo Branco (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)

Maria Dávila (CHAM, Universidade Nova de Lisboa)